

Uma Estela no caminho de Raul, ou uma pedra no caminho da masculinidade.

Relações de gênero em *Raul da Ferrugem Azul* de Ana Maria Machado.

Alessandro Rodrigues Rocha¹

Resumo

O artigo “Uma Estela no caminho de Raul, ou uma pedra no caminho da masculinidade. Relações de gênero em *Raul da Ferrugem Azul* Ana Maria Machado” trata de forma interdisciplinar questões de gênero, sobretudo da relação entre os movimentos feministas e o surgimento de novas perspectivas sobre as masculinidades. Isso é tratado numa perspectiva bem particular: como o feminismo – sem que essa seja sua pauta objetiva – age como *maiêuta* de uma nova masculinidade. Depois de discutir essa questão teoricamente a investigaremos no livro *Raul da Ferrugem Azul* de Ana Maria Machado, mais especificamente nas relações ali mantidas entre Raul e Estela. Será proposto como esse discurso literário se constitui numa metáfora das relações de gênero, e dos efeitos *maiêuticos* advindos do feminismo sobre a masculinidade.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, gênero, Masculinidade, feminismo.

Abstract

The article "A Stele in the path of Raul, or a stone on the path to manhood. Gender relations in Raul rust Blue Ana Maria Machado" comes to interdisciplinary way gender issues, particularly the relationship between feminist movements and the emergence of new perspectives on the masculinities. This is handled in a very particular perspective: how feminism – no this is your objective – tariff acts as *maiêuta* of a new masculinity. After discussing this issue theoretically to investigate in the book blue rust Raul Ana Maria Machado, more specifically in relations there between Raul and Estela. Will be proposed as this literary discourse constitute a legal metaphor of gender relations, and the effects *maiêuticos* from feminism on manliness.

Keywords: Interdisciplinarity, gender, masculinity, feminism.

Introdução

As relações de gênero acontecem de diversas formas. Ao longo da história recente, sobretudo em função do patriarcalismo, os movimentos feministas tiveram a tendência a contraposição radical aos sistemas sócio-culturais denunciando-os em suas ideologias

¹ Doutor em Teologia pela PUC-Rio, Pós-doutor em Letras pela PUC-Rio, Mestrando em Letras e Ciências Humanas pela Unigranrio.

machistas. Essa radicalização, e não podia ser diferente, entrincheirou homens e mulheres numa disputa por espaços simbólicos e concretos.

Não obstante a real necessidade das tensões vivenciadas nesse processo por afirmação de direitos, outro elemento se destaca no cenário das relações de gênero: o aprendizado mútuo que ocorre entre homens e mulheres. Masculinidade e feminilidade são fertilizadas à medida que os movimentos feministas se colocam no cenário social. O enriquecimento que essa presença promove nas mulheres é notório bastando comparar a realidade das mulheres das gerações passadas com as atuais. Contudo, o ganho que a masculinidade tem a partir dos movimentos feministas é que nem sempre são mensurados.

É exatamente sobre a incidência dos movimentos feministas na masculinidade que nos propomos refletir. E isso numa perspectiva bem particular: como o feminismo – sem que essa seja sua pauta objetiva – age como maiêutica de uma nova masculinidade. Depois de discutir essa questão teoricamente a investigaremos no livro *Raul da Ferrugem Azul* de Ana Maria Machado, mais especificamente nas relações ali mantidas entre Raul e Estela. Para concluir será proposto como esse discurso literário se constitui numa metáfora das relações de gênero, e dos efeitos maiêuticos advindos do feminismo sobre a masculinidade.

1 – O feminismo como maiêutica para uma masculinidade amadurecida.

Maiêutica como arte de parturiar.

A origem da expressão “maiêutica” está intimamente relacionada à biografia do filósofo Sócrates. Do ofício de sua mãe Fenarete, que era parteira, Sócrates retira a inspiração para seu método filosófico: “a minha arte de obstetra assemelha-se [...] a das parteiras” (PLATÃO 2007, p 54).

Maiêutica (*Maieutiké*) significa exatamente arte de realizar um parto. Foi Platão quem criou a palavra *maieutiké*, e a utilizou em alguns de seus diálogos, para referir-se ao “parto das idéias” ou “parto das almas” realizado pelo método socrático. No diálogo *Teeteto* Platão descreve da seguinte forma a maiêutica e sua importância para Sócrates:

Sócrates – Ora, a minha arte de obstetra assemelha-se em todo o resto à das parteiras, mas difere dela sobre o fato de agir sobre os homens e não sobre as mulheres, e cuidar das almas grávidas e não dos corpos. E a minha maior capacidade é que eu consigo discernir seguramente se a alma do jovem dá à luz uma quimera e uma mentira, ou se a algo real. Pois eu tenho em comum com as parteiras o fato de ser também estéril... de sapiência; e a reprovação que muitos já me fizeram, que eu sempre interrogo os outros, mas não manifesto nunca sobre qualquer questão o meu pensamento, ignorante que sou, é uma reprovação verdadeira. E a razão é que o Deus obrigou-me a ser obstetra, mas

proibiu-me de gerar. Eu sou, portanto, ignorante, e de mim não sai nenhuma sapiente descoberta que tenha sido produzida pela minha alma; ao invés, aqueles que se comprazem da minha companhia, embora alguns deles pareçam no início totalmente ignorantes, continuando a frequentar-me, conseguem, em seguida, desde que Deus o permita, extraordinário proveito, como eles mesmos e os outros constatam (PLATÃO 2007, p 54).

Como Platão mostra, Sócrates age no sentido de extrair de almas grávidas, e de somente destas, conhecimentos apriorísticos e latentes aos homens. Platão continua mostrando o procedimento socrático e como o próprio Sócrates compreende seu papel. “E é claro que não aprenderam nada de mim, mas unicamente por si mesmos aprenderam e geraram muitas e belas coisas. [...] E a minha arte tem justamente o poder de, ao mesmo tempo, suscitar e acalmar as dores. Assim se passa com eles (PLATÃO 2007, p 54)”.

Desta forma está dado o processo de descoberta da verdade, ao mesmo tempo em que estão anunciados os dramas de tal processo. A verdade tem antes de si um caminho a ser percorrido. Esse caminho está marcado pelas estações do reconhecimento da ignorância das opiniões. Somente superadas tais estações é que a verdade pode ser encontrada.

Propondo meios para discernir entre “almas grávidas” e “almas vazias” Platão segue com o diálogo de Sócrates com Teeteto.

Pois bem, caro amigo, contei-te toda esta história justamente por isso, porque suspeito que tu, e talvez tu mesmo creias, estejas grávido e sintas as dores do parto. Portanto, confia-te a mim, que sou obstetra e filho de parteira; e o que te pergunto, tenta responder da melhor maneira possível. Se, depois, examinando as tuas repostas, eu encontrar que algumas são quimeras e não verdades, arranco-as de ti e lanço-as fora, e não te zangues comigo como fazem com seus filhos as que dão à luz pela primeira vez (PLATÃO 2007, p 55).

O método socrático propõe que a verdade existe e que pode ser encontrada num processo de conhecimento. Contudo, tal conhecimento precisa encontrar sua direção adequada. Como descreve M. Chauí ao trabalhar o pensamento socrático: “se não conseguimos contemplar a verdade na natureza é porque fomos buscá-la no lugar errado: não está fora de nós, mas dentro de nós” (CHUAÍ 2002, P. 190).

O método socrático, sendo intrinsecamente dialético, postula que a verdade é o “resultado de um processo de reflexão do próprio indivíduo, que descobrirá a partir de sua experiência, o sentido daquilo que busca” (MARCONDES 2002, p. 47). O filósofo, na compreensão de Sócrates, é apenas o maiêuta, o parteiro das ideias. Caberá a ele o conduzir no caminho (*métodos*) os que se encontram grávidos de uma realidade que está por vir. Somente a partir desse encontro com a própria condição que, para Sócrates, “o indivíduo tem o caminho

aberto para encontrar o verdadeiro conhecimento (*episteme*), afastando-se do domínio da opinião (*doxa*)” (MARCONDES 2002, p. 47).

O feminismo como maiêutica para a verdade da masculinidade.

A partir daqui tomamos a compreensão da maiêutica socrática aproximando-a do que ocorre na relação entre o feminismo como movimento histórico dos séculos XIX e XX e, o desejável amadurecimento da masculinidade. As relações se dariam da seguinte forma: a figura grávida de uma nova realidade é a masculinidade, contudo carente de reconhecer a ignorância que constitui sua identidade de macho (isso seria o que Sócrates identifica como encontrar-se no domínio da opinião - *doxa*). A figura do filósofo como maiêuta seria o feminismo, que em função da consciência esclarecida sobre a verdade pode contribuir para emergir da *doxa* machista a *episteme* acerca da masculinidade.

O início do feminismo como movimento social organizado pode ser notado no século XIX. Segundo Guacira Lopes Louro o feminismo pode ser percebido em duas “ondas”. As lutas pelo direito de voto para as mulheres, na virada do século XIX para o XX, caracterizariam a “primeira onda” do feminismo. Sob os ecos do sufrágio da “primeira onda”, a “segunda onda” do movimento se desdobraria no final da década de 60, mais preocupada com construções propriamente teóricas (LOURO 2003).

Nesse segundo momento o feminismo assume uma atitude questionadora e contestadora frente ao patriarcalismo entendendo que este se constitui como elemento formativo de toda sociedade ocidental. Tal atitude pode ser claramente percebida na revolução de costumes dos anos 60, como destaca Linda Hutcheon em *Poética do pós-modernismo*:

Uma contestação da autoridade (masculina, institucional), uma aceitação do poder como base da política sexual, uma crença na função do contexto sociocultural na produção e na recepção da arte. Todas essas contestações tornariam a se evidenciar como sendo as bases dos paradoxos do pós-modernismo no futuro imediato. (HUTCHEON 1991, p. 91).

Essa atitude questionadora, bem como a aquisição de um repertório conceitual para o enfrentamento das estruturas patriarcais, tem algumas de suas origens ainda em Margaret Mead, que nos anos 30 exerceu influência sobre as teorias de gênero e da sexualidade. Ao publicar *Sexo e temperamento* (1935) a antropóloga americana sistematizou o ponto de partida da construção cultural de gênero, ao considerar que homens e mulheres são entidades diferentes influenciadas pelas sociedades. Mead afirmava, assim, que ser homem ou mulher era uma construção social e não apenas uma herança biológica, estando na cultura a causa principal das variações das identidades de gênero (MEAD 1996).

Seguindo esse processo de estruturação, destacam-se mais dois nomes de relevo que influenciaram como articuladores das ideias feministas. São considerados atualmente como clássicos dos estudos da mulher: *O segundo sexo* (1949) da francesa Simone de Beauvoir e *A mística feminina* (1963) da americana Betty Friedan. Ambas as escritoras defenderam os postulados do que viria a ser o movimento feminista, fortalecendo e dando corpo a iniciativas que só encontrariam ecos na América Latina a partir da década de 70.

Rose Marie Muraro mostra como a projeção dos estudos de gênero na década de 80 do século XX acontece exatamente num momento de mudança de perspectiva:

Elas [as mulheres] começam a entrar em massa no sistema produtivo durante a década de 1960. E nos anos 80, após terem fracassado em imitar o homem, adotam uma nova estratégia: trazer a lógica feminina para dentro da lógica masculina. E ambas as lógicas começam a mostrar o que realmente são. (MURARO 2002, p. 197).

Explorada inicialmente pela Antropologia nos Estados Unidos, a categoria de gênero foi usada com o objetivo de evidenciar a discriminação sofrida por mulheres em todos os níveis: econômico, político, social, etc. Num primeiro momento, o interesse fundamental estava voltado para a condição da mulher na sociedade ocidental: sua submissão, a violência que sofria, o contexto cultural que favorecia tal situação. Dessa forma, o masculino e, principalmente, as interações entre os dois gêneros não eram tão enfatizados. Com o incremento dos “estudos sobre as mulheres”, foram mais enfatizadas as inter-relações entre os gêneros e se começou a considerar o aspecto inter-relacional das identidades masculina e feminina.

Aqui unimos a compreensão da necessidade de considerar a masculinidade e a feminilidade em perspectiva inter-relacional, com a perspectiva de que a diferença comportamental entre os sexos e as características ditas masculinas ou femininas são constructos sociais. Nesse sentido, é possível então afirmar que tais condições podem ser aprendidas e reaprendidas e, que esse aprendizado só ocorre nas relações (muitas vezes tensas) entre homens e mulheres. Homens são homens em relação às mulheres e vice-versa.

Uma nova masculinidade parturiada pelo feminismo desde o ventre do macho.

A masculinidade tem sido interpretada ao longo da história preponderantemente sob o signo do macho. Tal interpretação aprisionou o homem numa cadeia de virilidade, violência, poder, insensibilidade e solidão. Dessa cadeia, essa masculinidade pervertida fez seu trono. Um trono que como qualquer outro se constitui em espaço de poder e tirania. Sentado em seu trono, empunhando o fállico cetro, o homem macho dispõe como quer de seus súditos, que não são somente as mulheres como por vezes se imagina, mas também seu próprio ser masculino que, reprimido dentro da casca de macho, sucumbe às dores de não poder se expressar.

O feminismo como movimento social se constituiu no contexto de um mundo tornado macho em todas as suas instituições. Desde a economia até a política as relações eram absolutamente lidas na perspectiva do macho. O feminismo estabeleceu dialeticamente o elemento da tensão nas relações que se encontravam artificialmente harmonizadas. Enquanto as feministas da “primeira onda” negavam o masculino, considerando-o a representação do dominador, do explorador, e sempre em oposição a tudo que se representa enquanto feminino; as feministas que aderiram aos estudos de gênero começaram a considerar que tal relação era histórica, por isso, construída.

Como afirma Joan W. Scott:

“Gênero” como substituto de “mulheres” é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na ideia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado dentro e por esse mundo. Esse uso rejeita a utilidade interpretativa da ideia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres de forma isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo (SCOTT 1990, p. 7).

Nesse sentido, ao mesmo momento que o feminismo desconstruiu estereótipos femininos, colocou em cheque também as imagens que historicamente foram construídas pelos e para os homens. O feminismo, portanto, se constitui potencialmente num movimento de dupla libertação: a libertação das mulheres e a dos homens, sem a qual não haveria de fato uma libertação das primeiras. É nesse sentido que afirmamos que o feminismo é a maiêutica para uma nova masculinidade.

O macho é um ser só. É só, numa sala de espelhos onde tudo que vê é reflexo de sua violência, de sua virilidade, de sua insensibilidade. De vez em quando uma voz lhe soa ao ouvido lembrando que “homem que é homem não chora”, que “macho mesmo é aquele que não leva desaforo para casa”, que “mulher é coisa para comer”. Essa voz, contudo, não o faz menos solitário. Ao contrário, ela só faz aprofundar o abismo da solidão. Ao aceitar a insensibilidade, distancia-se de sua alma; ao assumir a violência, aprisiona seu corpo; ao entrar na ciranda da virilidade falicamente resumida, encarcera seu ser. Como diz Pedro Paulo Martins de Oliveira:

As disposições masculinas inculcadas desde a infância e reiteradas durante toda a vida, pois, internacionalmente vivenciadas, prendem-se às ideias mais difusas e comuns acerca do comportamento masculino autêntico, em que se relacionam características tais como força, resistência coragem, capacidade de tomar iniciativa, comportamento heterossexual etc (OLIVEIRA 2004, p. 273).

A grande contribuição do feminismo – na perspectiva que aqui assumimos – foi o empoderamento das mulheres na afirmação da “força”, da “resistência”, da “coragem”, da “capacidade de tomar iniciativa” e da posse da própria corporeidade. Ao fazer isso o feminismo acabou por colocar a figura do homem compreendido como macho em cheque. Se as características que identificavam o ser homem já não são mais exclusivas da masculinidade, então repensá-la se tornou urgente. A reconstrução da feminilidade propugnada pelo feminismo proporcionou maieuticamente a reconstrução da masculinidade e, como toda realidade sócio-cultural é dialética, a masculinidade reconstruída pode contribuir por sua vez para o fortalecimento da feminilidade em reconstrução.

2 – Estela: Pedra no caminho para uns, lugar de reflexão para outros. Ou uma metáfora sobre masculinidade frente ao feminismo.

Iniciamos citando Roland Barthes, que de alguma forma resume o porquê de depois de fazer esse caminho teórico, acabamos desaguando na literatura.

A literatura assume muitos saberes [...] Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura [...] é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real (BARTHES 1980, p. 18).

O texto literário é o lugar do real; não simplesmente da realidade – como conjunto das vivências condicionadas -, mas do real. Na literatura a vida está presente sem limites e pudores, e por isso mesmo, crua como é. O texto literário se constrói na extrapolação das experiências contidas que homens e mulheres têm no cotidiano. Nesse sentido a literatura é metáfora da existência, ela fala do que se encontra aquém e além, sem com isso desconsiderar o aqui, da vida. Daí a leitura literária ser um desafio existencial. Como afirma Eliana Yunes: “Ler para quê? Temos respondido que lemos para nos *in*-formar. Para *inter*-agir melhor. E lemos literatura para que? Para nada, paradoxalmente. Contudo, a ficção nos convoca a repensar-nos e à vida” (VERSIANI 2012, p. 14).

É dessa forma então que aproximamos as questões de gênero até aqui tratadas da narrativa literária. Esta é metáfora para aquela. A literatura é o lugar do real, e do real das relações entre homens e mulheres. Ela, como discurso ficcional nos convoca à vida. O texto literário que escolhemos para esse diálogo é *Raul da Ferrugem Azul* (MACHADO 2009) da escritora Ana Maria Machado².

² Segundo Cristiane Madanêlo de Oliveira, há:

Não raramente, a literatura infanto-juvenil sofre o preconceito e a depreciação de leigos, críticos e até mesmo, de escritores consagrados pelo cânone da literatura tradicional por ser vista como uma categoria que abrange meras "historinhas para crianças". Contrariando qualquer pensamento que menospreze as obras infantis e juvenis, *Raul da Ferrugem Azul* foi escrito por Ana Maria Machado em 1979, no período que compreendeu a ditadura militar brasileira. Em seu site, Ana Maria Machado, localiza o livro numa coluna chamada "Para gente crescendo". É um livro, portanto, para quem está crescendo... inclusive, para os homens que estão crescendo.

Pequena síntese do livro *Raul da Ferrugem Azul*

As 47 páginas do livro foram divididas em oito capítulos nos quais o narrador conta a história de Raul, um menino que um dia se desespera ao perceber que sua pele está sendo coberta por manchas azuis.

As primeiras manchas apareceram no braço de Raul logo após uma briga que ele presenciou entre dois meninos na hora do recreio. Márcio, um típico “valentão” que costuma praticar bullying contra as crianças da escola, quebra os óculos de Guilherme e se recusa a pedir desculpas. Raul assiste à cena com muita raiva e sente vontade de bater em Márcio para defender o amigo, entretanto, resolve se resignar e acaba acumulando dentro de si toda a raiva que sentiu e que não conseguiu extravasar.

Sem sucesso, Raul tentou remover as manchas azuis com todos os produtos de limpeza que encontrou em casa, chegando até mesmo a passar um dia inteiro no sol por pensar que se tratava de um bolor. Mais tarde, o próprio menino fez o diagnóstico: era ferrugem, ferrugem azul. A ferrugem começou a se espalhar pelo corpo paulatinamente. Certo dia, Raul estava voltando do futebol com os amigos e viu um homem estourar com o cigarro os balões coloridos

“Vários artigos e pesquisas acadêmicas já se debruçaram analiticamente sobre questões ligadas ao feminino marcadas nos livros de Ana Maria Machado, sejam eles escritos para crianças ou não. Nessa linha, destacam-se “Ana Maria Machado: as relações autênticas” (XAVIER, 1998 – capítulo de livro), “A representação da mulher na literatura para crianças e jovens: um estudo de obras de Júlia Lopes de Almeida, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga Nunes e Marina Colasanti” (LE-ROY, 2003 – dissertação de mestrado), “Imagens do feminino em Ana Maria Machado e Lygia Bojunga Nunes” (RIBEIRO, 2002 – artigo), “Literatura infantil e gênero: uma história meio ao contrário” (ZINANI, 2004 – artigo), “Novos finais felizes: a mulher e o casamento em Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Sylvia Orthof” (VILLAÇA, 2004 – dissertação de mestrado), “Personagens negras na literatura infantil e juvenil brasileira: da manutenção à desconstrução do estereótipo” (FRANÇA, 2006 – dissertação de mestrado)”. OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. *Brincando de desconsertar o masculino: um olhar sobre a produção para crianças de Ana Maria Machado*. Rio de Janeiro, 2006. 125 fls. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

de um menino que trabalhava como ambulante. Raul sentiu muita raiva e até pensou em correr até o menino para ajudá-lo, mas não conseguiu sair do lugar.

Assim, a inércia de Raul perante as situações que lhe geravam indignação foi alastrando a ferrugem azul pelo corpo do menino. A ferrugem surge na garganta de Raul quando ele ouve, completamente mudo, os comentários extremamente racistas de alguns de seus amigos que se referiam aos negros como pessoas que devem sempre gerar suspeita e medo nos brancos. Mais uma vez Raul ficou furioso. Mais uma vez ele quis gritar aos amigos que eles estavam errados. E mais uma vez, permaneceu imóvel.

Um dia, em uma conversa com Tita - a empregada doméstica da casa que sempre contara muitas histórias sobre o Preto Velho da Montanha - Raul decide ir até a favela em busca do Preto Velho e de alguma informação que possibilite a remoção da ferrugem. No dia seguinte, ao chegar à favela, Raul presenciou uma grande confusão. Uma menina muito zangada gritava para defender um garotinho que teve sua pipa roubada por garotos maiores do que ele. Raul acompanhou com muita atenção o discurso da menina e se assustou quando ela disse que não levava desaforo para casa para não ficar enferrujada. Ao conversar com a “menina briguenta”, que na verdade se chamava Estela, Raul consegue uma companhia até a casa do Preto Velho.

O menino chega até a casa do Preto Velho crendo que seu problema será solucionado e sai de lá muito decepcionado ao ouvir o velho sábio dizer que cada um de nós só consegue acabar com a própria ferrugem por conta própria e que ele, portanto, não poderia ajudar. No caminho de volta, ao conversar com Estela sobre sua ferrugem, Raul descobre que ele não era o único a sofrer com as manchinhas que estampavam sua pele e que até mesmo Estela, que era tão diferente dele, já havia sido perseguida por uma ferrugem amarela. Ao perceber que estava ficando tarde, Raul se despede de Estela e pega o ônibus de volta para casa prometendo pensar em tudo aquilo que haviam conversado.

A primeira “aventura de desenferrujamento” de Raul acontece ainda dentro do ônibus. Em uma das paradas, uma senhora que carregava peso acaba demorando a descer os degraus e é desrespeitada pelo motorista que, acelera o motor e a trata de forma depreciativa. Raul fica muito irritado com a situação e, pela primeira vez, manifesta sua raiva ao discutir com o motorista para defender a velha senhora. A ação teve resultado imediato e a ferrugem que manchava a garganta de Raul simplesmente desapareceu. As outras partes do corpo continuavam manchadas, mas Raul já não se preocupava. O menino sabia que agora seria uma simples questão de tempo para que o processo de “desenferrujamento” se desse por inteiro.

Estela: Lugar de ler a vida, ou pedra no caminho.

Tomado como metáfora o texto de Ana Maria Machado poderia nos oferecer muitas janelas para observar o real. No entanto, queremos olhar por uma delas: a presença de Estela na jornada de Raul rumo ao desenferrujamento. Estela que o nome da “menina briguenta” é também lugar onde se pode ler uma mensagem.

A palavra **estela** provém do termo grego *stela*, que significa "pedra erguida" ou "alçada". A palavra entrou no uso comum da arquitetura e da arqueologia para designar objetos em pedra individuais, i.e., monolíticos, nos quais eram efetuadas esculturas em relevo ou textos. A sua função essencial era veicular um determinado significado simbólico, fosse este funerário, mágico-religioso, territorial, político ou propagandístico, etc.³

Estela é, portanto, lugar de ler a vida. Ela é para Raul a possibilidade de dar o passo que marcará sua passagem à maturidade masculina. Contudo, Estela é também pedra, e é pedra no caminho, pedra de tropeço. No encontro de Raul com Estela estão outros personagens – outros homens – que só encontram na “menina briguenta” motivo de incômodo e insegurança.

Meio cansado, parou um pouco. E ficou reparando as pipas lá em cima. Uma porção. Coloridas e dançarinas, balançando para lá e para cá. Bem perto, via a garotada na maior animação, disputando, competindo. De repente, foi uma confusão. O menorzinho de todos, devia ter uns seis anos, punha a boca no mundo, aos berros. E, bem atrás de Raul, uma voz de menina começou a gritar:

- Vocês são mesmo uns covardes, aproveitam que o Beto é pequenininho para roubar a pipa dele. Mas não vai ficar assim não, estão sabendo? Vocês vão ver só o que vou aprontar...

Os outros achavam graça:

- Tá zangadinha, é?

- Deixa disso, não se mete não.

- Fica de fora. Em briga de homem mulher não se mete.

Mas a menina era enfezadinha:

- Quem escolhe as minhas brigas sou eu.

Um grandalhão ainda disse:

- Cala a boca!

E ela:

- Cala a boca já morreu. Quem manda aqui sou eu. (MACHADO 2009, p. 40-41).

Estela, metáfora do feminismo como maiêutica para a masculinidade amadurecida, está diante de “almas que não se encontram grávidas”, como diria Sócrates a Teeteto. Para os grandalhões que implicavam com Beto, Estela não era lugar de ler nada, era pedra no caminho. “Fica de fora. Em briga de homem mulher não se mete”, “Cala a boca”. Isso é o que homens

³<http://pt.wikipedia.org/wiki/Estela>

recrudescidos em suas identidades de machos, socialmente construídas, podem dizer à mulher, bem aos movimentos que feministas. O incômodo de vozes que colocam certa identidade em cheque se manifesta de forma violenta, física ou simbolicamente, na tentativa de silenciamento. Silenciar é preciso, pois só no silêncio estéril das vozes das mulheres é que pode sobreviver a identidade de machos.

A resposta de Estela, contudo, não deixa dúvida sobre a força de sua identidade, e do movimento social que ela sintetiza: “Cala a boca já morreu. Quem manda aqui sou eu”. Retomando o que diz Pedro Paulo Martins de Oliveira: “As disposições masculinas inculcadas desde a infância e reiteradas durante toda a vida [...] prendem-se às ideias mais difusas e comuns acerca do comportamento masculino autêntico, em que se relacionam características tais como força, resistência coragem, capacidade de tomar iniciativa” (OLIVEIRA 2004, p. 273). O que está em jogo, portanto, é certa identidade socialmente construída. É a ideia de macho. A(s) voz(es) da(s) Estela(s) é elemento de desconstrução dessa identidade, é elemento de parturiamento de outra identidade, nesse caso, contudo, não há o que ser parturiado.

Mas Estela é, sobretudo, lugar de ler a vida. Sua presença, sua voz que não se deixa silenciar, é maiêutica de uma nova ordem de coisas, mesmo de uma nova masculinidade. Depois de observar a presença de Raul no cenário daquela discussão Estela revela o drama do menino-homem enferrujado: “Desaforo para casa, eu não levo. Pelo menos assim não fico enferrujada, como muita gente por aí” (MACHADO 2009, p. 42). Essa capacidade de Estela em perceber o problema de Raul deixa-o atônito e, logo após uma tentativa de negação ele se desarma. Estela, nesse momento se fará companheira de Raul rumo a sua jornada de libertação.

Raul explicou que não conhecia o Velho da Montanha. Quer dizer, não falou com essas palavras, mas falou. E acrescentou:

- A Tita é que é amiga dele e me ensinou a vir até aqui.
- E quem é Tita?
- Uma amiga minha.

Estela olhou para ele e se ofereceu:

- Se você quiser, levo você até lá. Não é muito fácil achar a casa dele sozinho.

Foram subindo. No caminho ele comentou:

- Você é sempre briguenta assim, é?
- Até que nem. Brigar à toa eu nunca brigo. Mas não consigo ficar quieta quando vejo alguma coisa errada. (MACHADO 2009, p. 46).

Após encontrar-se com o Preto Velho e descobrir que não há remédio instantâneo para sua ferrugem, Raul ouve de Estela algo que o ajudará a compreender sua condição: “Você ainda não sabe nada dessa ferrugem, hem? Pensa que é só sair olhando e vendo? Tanto cara aí que nem vê a dele, quanto mais a dos outros...” (MACHADO 2009, p. 51). Diferentemente dos

grandalhões com os quais Estela brigava, Raul está grávido de um novo ser. Nele há uma masculinidade a ser parturiada e, as marcas indeléveis dessa parteira ficaram na trajetória do menino-homem.

“Até logo, Estela. Outro dia eu volto. Agora tenho que ir para a casa” (MACHADO 2009, p. 53). No caminho de casa surge a primeira oportunidade de desferrujamento; uma nova masculinidade dá seus primeiros passos. Em meio a uma agressão que certa senhora sofreu pelo motorista do ônibus que Raul estava ele se manifesta:

- Moço, o senhor não está vendo que ela está descendo e carregando peso? Faça o favor de esperar.

O motorista respondeu:

- A conversa não chegou na cozinha. Cala a boca, pirralho.

Sem pensar, Raul respondeu:

- Cala a boca já morreu. Quem manda na minha vida sou eu.

Respondeu e lembrou de Estela (MACHADO 2009, p. 58)

Aquilo que enferrujou Raul, sua incapacidade de mover-se em defesa de alguém, foi finalmente superado. Essa superação se deu exatamente a partir do movimento maiêutico de Estela. Do “cala a boca já morreu” de Estela, surge o “cala a boca já morreu” de Raul. A presença de Estela ajudou a que a verdade de Raul viesse à tona.

Algumas conclusões.

Como vimos, apesar de Raul ser o protagonista do texto de Ana Maria Machado, a “menina de briga”, como a identifica a autora num capítulo só seu, assume o primeiro plano para ajudá-lo na compreensão do processo de enferrujamento pelo qual ele passa. Tomando essa narrativa assim como anunciamos, ou seja, como metáfora das relações entre movimentos feministas e o surgimento de uma nova identidade masculina, é razoável afirmar que essa intervenção feminina auxilia no amadurecimento de masculinidades.

Como afirma Cristiane M. de Oliveira: “Em função da emergência da mulher enquanto sujeito social, histórico e econômico no final do século XX, surge a necessidade de também repensar o que é ser homem nessa nova configuração” (OLIVEIRA 2006, p. 72). Na perspectiva de que não é possível a libertação feminina sem que haja concomitantemente a libertação masculina, a descoberta da identidade feminina proposta pelos movimentos feministas age maieuticamente no sentido do descobrimento de uma masculinidade amadurecida.

Isso é possível à luz das discussões de gênero que mostram que “nascer macho ou fêmea é uma questão de contingência”. (OLIVEIRA 2006, p. 75). Portanto, “o ser masculino não se configura como uma categoria estática; pelo contrário é de natureza mutável em função do contexto social.” (OLIVEIRA 2006, p. 75). Se de fato é possível perceber que nas sociedades patriarcais, se sobrepôs uma construção de masculinidade onde caberia ao homem o papel de

provedor material e financeiro, o papel ativo nas relações sexuais, o possuir a força física, a proteção sua família, a negação emoções etc. É igualmente possível falar de uma nova configuração dessa masculinidade em termos dialéticos com o surgimento de novas feminilidades.

Na relação entre Estela e Raul, o que afirmamos sobre a relação entre feminismo e masculinidade, fica patente. Estela em sua jornada de afirmação do seu ser mulher acaba por contribuir com Raul em seu ser homem. Ao tratar de Estela e de outras personagens semelhantes Regina Zilberman afirma que

Mesmo sem atributos mágicos, elas mudam o curso da existência de personagens masculinos. Inseridas na mesma realidade que as personagens masculinas, elas são insubmissas e ensinam amigos ou companheiros a atuar de maneira diferente, encontrando, assim, alternativas de vida ou comportamento que podem torná-los mais felizes ou, pelo menos, mais conscientes do que acontece em volta de si (ZILBERMAN 2005, p. 83).

Toda essa reflexão permite concluir que o “manual do macho” (OLIVEIRA 2006, p. 74), responsável por sistematizar os princípios básicos para provar constantemente a masculinidade, vem sendo reelaborado em termos distintos e, isso tem se realizado a partir do protagonismo das novas identidades femininas. Dizendo de forma plena são os movimentos feministas que tem parturiado novas masculinidades.

Referência Bibliográfica

- PLATÃO. *Teeteto*, 150 b. In. Platão. *Diálogos I. Teeteto*. São Paulo: EDIPRO, 2007.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia, vol1. Dos pré-socráticos a Aristóteles*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MARCONDES. Danilo. *Iniciação à história da filosofia. Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HUTCHEON, Linda. "Descentralizando o pós-moderno: o ex-cêntrico". In: _____, *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MEAD, Margaret. *Sexo y temperamento entres sociedades primitivas*. Espanha: Paidós, 1996.
- MURARO, Rose Marie et al. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. 4. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- SCOTT, Joan W. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. In *Revista Educação e Realidade*. 16. Porto Alegre: UFRGS, 1990.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. *Construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG\ Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1980.

VERSIANI, Daniela. YUNES, Eliana. CARVALHO, Gilda. *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*. São Paulo: UNESP, 2012.

MACHADO, Ana Maria. *Raul da Ferrugem Azul*. 62 ed. São Paulo: Salamandra, 2009.

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. *Brincando de desconsertar o masculino: um olhar sobre a produção para crianças de Ana Maria Machado*. Rio de Janeiro, 2006. 125 fls. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Estela>